

## RUA MARIA SOLDADO

Lei nº 2080 de 08-07-1959

Decreto nº 7518 de 07-12-1982, Artigo 1º, Inciso X

Protocolado nº 30.109 de 07-10-1982, em nome de Coordenadoria das Administrações Regionais

Formada pela rua 2 do Jardim IV Centenário e rua 125 do Jardim Chapadão - continuação

Início na rua Reinaldo Laubstein

Término na rua José França Camargo

Jardim IV Centenário

Obs.: Da placa consta: "Maria Soldado - Heroína".

A lei foi promulgada pelo Prefeito José Nicolau Ludgero Maselli e o decreto complementar pelo Prefeito Dr. José Nassif Mokarzel.

## MARIA SOLDADO

Maria José Barroso, a heroína paulista de 1932 Maria Soldado, nasceu em Limeira, SP, em 01-12-1895 e faleceu em São Paulo, em 11-02-1958. Maria José Barroso era cozinheira de velhas famílias paulistanas. Quando foi deflagrada a Revolução Constitucionalista de 1932, desapareceu da casa de seus patrões, surgindo uns dias depois fardada, em companhia de uns índios semi-civilizados. Pretinha e miúda, valente como ela só, foi com seu grupo alistar-se na Legião Negra, comandada pelo general Goulart. Inscreveu-se como enfermeira voluntária da Cruz Vermelha. Nessa condição acompanhou os soldados constitucionalistas ao setor sul do Estado de São Paulo. Compreendendo a intensidade da jornada, empenhou também o fuzil e bateu-se com heroísmo na primeira linha, tomou parte em carga de baioneta foi ferida em combate e citada por bravura. Deu tudo de si pela Guerra Santa. Paulo Bonfim, o poeta, disse dela: "Com sua pele preta, a alma branca e o sangue vermelho, era uma bandeira paulista viva, conduzindo seus camaradas". Veio o armistício com o qual ela e muita gente não se conformaram. Voltou a cozinhar ou a vender pipocas nas portas de teatros e circos, sempre com seu bibi caqui e suas condecorações. Quando do enterro de Armando de Sales Oliveira, havendo a ditadura queimado e proibido o uso da bandeira paulista, rompeu os cordões de policiais e colocou sobre o caixão aquela bandeira proibida, mas santa, e pela qual se bateu e foi ferida. Ao final de sua vida, vendia doces e salgados à porta do Hospital das Clínicas Paulista, foi traída, mas foi valente, teve brio, foi heroína.

## RUA MARIA SOLDADO



LEI N.º 2080, DE 8 DE JULHO DE 1959  
DA O NOME DE MARIA SOLDADO A UMA RUA DA CIDADE  
A CAMARA MUNICIPAL DECRETA E EU, PREFEITO DO  
MUNICIPIO DE CAMPINAS, PROMULGO A SEGUINTE LEI:

Artigo 1.º — Fica denominada Maria Soldado — Heroína, a  
Rua 2 do Jardim IV Centenário, que tem início na Rua 1 do mesmo  
loteamento.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data da sua pu-  
blicação, revogadas as disposições em contrário.

Paç. Municipal de Campinas, aos 8 de julho de 1959.

JOSE' NICOLAU LUDGERO MASELLI  
PREFEITO MUNICIPAL

ENG.º JOSE' BENEDITO DE MELLO  
SECRETARIO DE OBRAS E SERVIÇOS PUBLICOS

Publicada no Departamento de Expediente da Prefeitura Mu-  
nicipal, em 8 de julho de 1959.

A'LVARO FERREIRA DA COSTA  
DIRETOR DO DEPARTAMENTO DO EXPEDIENTE

DECRETO N.º 7518 DE 07 DE DEZEMBRO DE 1982

DÁ DENOMINAÇÃO ÀS VIAS PÚBLICAS DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-Lei Complementar Estadual n.º 9, de 31 de dezembro de 1969 (Lei Orgânica dos Municípios),

DECRETA:

Artigo 1º. - Ficam denominadas as seguintes vias públicas do Jardim Chapadão - Continuação:

I - AVENIDA MARECHAL RONDON a Avenida 118, com início na Avenida do mesmo nome, trecho situado no Jardim Chapadão - prolongamento - e, término na Avenida Dr. Francisco Mais.

II - RUA QUINTINO DE ALMEIDA MAUDONNET a Rua 106, com início na Rua do mesmo nome e término na Rua Alvaro Alves de Abreu e Silva Filho.

III - RUA JOSÉ PINTO DE CARVALHO a Rua 107, com início na Rua do mesmo nome e término na Rua 100 do Jardim Chapadão - continuação.

IV - RUA EXPEDICIONÁRIO HÉLIO ALVES DE CAMARGO a Rua 108 com início na rua do mesmo nome e término na rua 114 do Jardim Chapadão - continuação.

V - RUA CORNÉLIO PIRES a Rua 110, com início na rua do mesmo nome e término na Rua Adelaide dos Santos Barreira.

VI - RUA FERNANDO DA CRUZ PASSOS, Rua 116, com início na Rua do mesmo nome e término na Avenida Dr. Francisco Mais.

VII - RUA ANTONIO ZINGRA a Rua 117, com início na Rua do mesmo nome e término na Rua Adelaide dos Santos Barreira.

VIII - RUA DURVALINA BARRETO a Rua 121 com início na Rua do mesmo nome e término na Rua 110 do Jardim Chapadão - continuação.

IX - RUA JOSÉ FRANÇA CAMARGO a Rua 124, com início na Rua do mesmo nome e término na Rua 126 do Jardim Chapadão - continuação.

X - RUA MARIA SOLDADO a Rua 125, com início na Rua do mesmo nome e término na Rua 124 do Jardim Chapadão - continuação.

Artigo 2º. - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Campinas, 07 de dezembro de 1982

DR. JOSÉ NASSIF MOKARZEL  
Prefeito Municipal

DR. JOÃO BAPTISTA MORANO  
Secretário dos Negócios Jurídicos

ENGO. ISTAMIR SERAFIM  
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos (Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica), com os elementos constantes do protocolado n.º 30109, de 07 de outubro de 1982 em nome da Coordenação das Administrações Regionais, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 07 de dezembro de 1982.

LUIZ CARLOS MOKARZEL  
Secretário-Chefe do Gabinete do Prefeito



# Maria Soldado

"Complemento"  
Supl. de Diário de  
São Paulo de 18.02.1919

Paulo Bomfim

Na galeria de meus tipos inesquecíveis, Maria Soldado ocupa lugar de honra. Nasceu convivendo com ela. Foi cozinheira de minha bisavó Leoncia, de minha avó Zilota, de minhas tias e de minha mãe.

Quando estourou a Revolução de 32 estava trabalhando em casa de minha tia Nicotia Pinto Alves, o anjo tutelar dos exilados.

Um dia some e depois aparece fardada em companhia de uns índios semi-civilizados. Pre-tinha e miuda, valente como ela só, foi com seu grupo alistar-se na Legião Negra comandada pelo general Goulart. Iez toda a Revolução, bateu-se com heroísmo na primeira linha, tomou parte em carga de baioneta, foi ferida em combate e citada por bravura.

Com sua pele preta, a alma branca e o sangue vermelho, era uma bandeira paulista viva conduzindo seus camaradas.

Depois veio a paz com a qual ela e muita gente não se contornaram. Voltou a cozinhar, a mudar de emprego, desfilando sempre com seu bibi caqui e suas condecorações no 9 de Julho. Faltando a seu respeito com Ademar de Barros ele me disse: — «Maria não para em nenhum serviço, basta abrir um cerco nas imediações e lá vai ela vender pipoca na porta».

Como pipoqueira no Ibirapuera foi assaltada. Pois, com mais de sessenta anos, correu atrás do ladrão, lutou com ele e recuperou o dinheiro.

Quando cozinhava em casa de meu tio Armando teve uma discussão com a copeira. Pas-

sou a mão na face de cozinheira e deu uma carga de baioneta na outra na outra que voou pela rua Valinhos e sumiu no mundo. O temperamento dela oscilava entre a valentia e a ternura. Comovia-se com uma criança e tinha pena dos bichos, respeitava os velhos e amava São Paulo acima de todas as coisas. Foi eleita Mulher Paulista em 1932. Durante a ditadura a bandeira paulista foi queimada e proibida. No enterro de Armando Salles de Oliveira uma rompo os corções de policiais e colocou sobre o caixão a bandeira proibida e santificada. Essa mulher era Maria Soldado.

Tempos depois, quando seu enterro saía da Galeria Prêstes Maia, da sede do MMDC, o cortejo de São Paulo bateu por 32 segundos.





## Canto de despedida para Maria Soldado

PAULO BONFIM

Parte, Maria Soldado,  
Com rosas em teu fuzil,  
Pela estrada iluminada  
Que nasce em nove de julho.  
Segue, Maria Soldado,  
Por esses campos noturnos  
Entre estilhaços de estrelas  
E metralhas de luar!  
Marcha, Maria Soldado,  
Com teu batalhão de sombras;  
Regressa à terra Paulista  
Num vagão do trem blindado!  
Sonha, Maria Soldado,  
O sonho das treze listas,  
— Sobre teu corpo cansado:  
Tocamos nosso silêncio.

N. R. — Maria Soldado, limeirense de nascimento, mereceu do poeta Paulo Bonfim, o poema que acima transcrevemos, como homenagem à combatente de 1932 e também ao ilustre vate com o vido.

Foi encontrada morta, num quartinho do prédio 2037 da rua da Consolação, Maria José Barroso, que lutou junto aos soldados constitucionistas no setor sul do Estado de São Paulo. Inicialmente acompanhou os combatentes como enfermeira. Depois empunhou o fuzil para lutar, igualmente, contra as forças federais que defendiam a ditadura. «Maria Soldado», como era conhecida, nasceu em Limeira, em 1 de dezembro de 1895. Agora, com 63 anos de idade vendia doces e salgados à porta do Hospital das Clínicas. Como principal fato de sua vida, depois da revolução, é conhecido o incidente em que afrontou o ditador em praça pública, quando da sua visita a São Paulo, após a cessação das hostilidades. O corpo de Maria José Barroso foi trasladado para a sede da Sociedade Veteranos de 32, na Galeria Prestes Maia, na Capital, onde permaneceu para visita pública, antes de ser inumado.

(Recorte extraído do "Suplemento de "Letras da Província, da cidade de Limeira, relativo ao mês de abril de 1958).



## Culto a "Maria Soldado"

Valdir SALVIATI

Carriço Popular - 24-1-74

Era 9 de julho de 1932... Com o incoercível entusiasmo cívico nascido na alma popular, eclodia em São Paulo de Piratininga a Guerra Santa, pró-reconstitucionalização deste Brasil gigante pela própria natureza. E resoluto porque representando a força do Direito, São Paulo partiu para a mais nobre luta contra o direito da Força. E conclamou a sua brava gente à defesa da liberdade do Brasil. E como disse o poeta: "Vinham da terra, direitas, em retas, — como o rastilho que deixa na gleba/ a lâmina fria dos nossos arados./ como os cafeeiros das nossas fazendas,/ como os dormentes das nossas estradas./ como o listado da nossa bandeira —/ vinham da terra, direitas, em retas,/ filas e filas de voluntários./ Vinhavam, chegavam, passavam, partiam..." E a mulher paulista, dentro de seu entusiasmo cívico, viu partir para o campo de batalha (muita vez, para o campo do-nunca-mais...) o filho, ou esposo, ou o pai, ou o irmão, ou o noivo, e ficou em seu lar (ou também foi para o campo de batalha), ajudando sobremaneira São Paulo a lutar em favor da legalidade. A mulher paulista não cruzou os braços. Pelo contrário, lutou e sofreu na própria carne os revesses de uma luta em que o vencedor apenas venceu pelo dferito da Força, mas não convenceu.

Um exemplo do entusiasmo cívico da mulher paulista é encontrado em Maria José Barroso, cognominada "Maria Soldado", que repetiu a façanha de Maria Quitéria, demonstrando a força de seu ideal.

"Maria Soldado" nasceu em Limeira a 1.º de

zembro de 1895. Quando da eclosão do movimento revolucionário, inscreveu-se como enfermeira voluntária da Cruz Vermelha. Nessa condição, acompanhou os soldados constitucionistas no setor sul do Estado de São Paulo. Compreendendo a intensidade da jornada revolucionária, e m p u n h o u também o fuzil para lutar, igualmente, contra as forças federais que defendiam a ditadura. Deu tudo de si pela Guerra Santa. Ela preferia a morte a um viver de escravos...

E um dia, por força das circunstâncias várias, aconteceu o armistício jamais sonhado pela brava gente paulista. E o t r i b u n o Ibrahim de Almeida Nobre — a alma da Revolução — mais uma vez teceu a sua mensagem cívica: "Põe luto, Paulista. Uma tarja de luto pelos nossos mortos pela nossa adversidade e como sinal de que a gerie prossegue sem armistícios. Agora, o momento é branco de estatística. Unge-te de gandhico espírito e não coopera. Marca bem o "paulista" que ficar ao serviço do inimigo. Marca-o bem. Esse é o rufião que entregou a Causa. Esse é o filho que entrega a própria mãe. Esse é fauna da nossa sepultura e que ira alimentar-se do nosso cadáver. Marca-o bem! Silenciar não é esquecer!" E "Maria Soldado" compreendeu o sentido daquela mensagem. Silenciou mas não esqueceu. Um

dia, após a cessação das hostilidades, ela afrontou o ditador — em praça pública — quando de sua visita a São Paulo. "Maria Soldado" repetia dentro de si a mensagem do t r i b u n o Ibrahim: "E eu, de mim, sei que prossigo com a mesma alma de 23 de Maio e a mesma farda de 9 de Julho. Inimigo! A luta continua: Atira Calm".

Muitos anos depois da j o r n a d a revolucionária. "Maria Soldado" foi encontrada morta n u m quartinho do prédio n.º 2037 da rua Consolação, na

Capital paulista. E foi quando o poeta Paulo Bonfim teceu o seu CANTO DE DESPEDIDA PARA MARIA SOLDADO: "Parte, Maria Soldado./ Com rosas em teu fuzil./ Pela estrada iluminada/ Que nasce em Nove de Julho!/ Segue, Maria Soldado./ Por esses campos noturnos/ Entre estilhaços de estrelas/ E metralhas de luar!/ Marcha, Maria Soldado./ Com teu batalhão de sombras./ Regressa à terra paulista/ Num vagão do trem blindado!/ Sonha, Maria Soldado./ O sonho das treze listas./ — Sobre o teu corpo cansado./ Tocamos nosso silêncio".

A heroína limeirense "Maria Soldado" morreu. E depois de morta, recebeu a mais alta honraria que uma mulher paulista poderia almejar. Por ato do Sr. Mércio Prudente Correa Presidente do MMDC. "Maria Soldado" recebeu um título por demais honroso: — "SÍMBOLO DA MULHER DE 32"!

"Maria Soldado", dentro de sua humildade singular, tornou-se em símbolo de uma raça e de uma epopéia sem igual na História do Brasil.